

TEMA EM DISCUSSÃO: *Plano Real faz três anos*

Crescer e desconcentrar

FERNANDO HENRIQUE CARDOSO

Há algumas semanas, o principal executivo de uma das maiores e mais competitivas indústrias brasileiras, originária do Sul do país, foi questionado, em um programa de debates na televisão, se sua empresa estava migrando de vez para o Centro-Oeste. Resposta do executivo: "Nós industrializamos frango e frango come milho. Logo, onde houver milho, será mais barato produzir frango. E onde houver frango barato é lá que vamos estar."

A explicação singela do empresário é, de certa forma, a metáfora de uma boa política econômica, praticada em uma moderna economia de mercado. Nesses três anos de Plano Real, o que meu governo tem feito é espalhar o milho pelas diversas regiões do país: criar fatores e incentivos naturais para atrair novos investimentos, desconcentrar a produção industrial e reduzir as desigualdades regionais. Está dando certo. Diante do desafio competitivo, as empresas tratam de aproveitar as vantagens comparativas que cada região do país passou a oferecer. Os benefícios para as regiões mais pobres são evidentes e os exemplos, fascinantes.

O Brasil foi capaz, no passado, de gerar altas taxas de crescimento econômico, mas ao preço de uma crescente concentração de renda. Por quê? Porque o modelo anterior, baseado em uma economia fechada, era naturalmente con-

centrador. Era o paraíso dos oligopólios, fartamente protegidos da competição estrangeira por tarifas estratosféricas e beneficiados por subsídios e incentivos. Se não havia competição, por que se incomodar com a produtividade, a qualidade do produto e as queixas do consumidor? A regra desse "capitalismo", em que o consumidor, em vez de rei, era a vítima, traduzia-se em produzir para poucos com baixa qualidade e altos preços.

A abertura comercial e a estabilidade econômica estão provocando uma verdadeira revolução, um choque de capitalismo. A regra, agora, é produzir mais, melhor e barato. Os consumidores brasileiros descobriram, afinal, que a lei da oferta e da procura funciona por aqui. Os empresários, também. Para eles, uma das formas de enfrentar o desafio competitivo tem sido mudar suas fábricas de lugar. Não é por acaso que, nos últimos três anos, o Nordeste recebeu cerca de 700 novas empresas e cerca de R\$ 6 bilhões em investimentos. Exemplos notáveis encontram-se nos ramos têxtil e de calçados, que aceitaram e estão vencendo o desafio de competir com os chineses.

O Governo viu que podia fazer mais. E criou um regime automotivo especial, para atrair novas fábricas e montadoras para as regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste. Deu certo, de novo. Vinte e cinco fábricas vão se instalar, nos próximos três anos, naquelas regiões, para produzir automóveis, tratores, cami-

nhões, jipes e motocicletas. Não é pouco, quando se sabe que, até hoje, a produção concentrava-se quase inteiramente em São Paulo e em Minas Gerais. Até o ano 2000, o setor automotivo vai investir 21 bilhões de dólares, em 17 estados brasileiros, do Rio Grande do Sul ao Ceará, que vão transformar o Brasil no quinto, talvez quarto fabricante mundial de carros. É o maior pacote de investimento da indústria automobilística em todo o mundo.

Com intervenções como essas, estamos criando as condições para romper os fatores que produzem o "círculo vicioso da pobreza", substituindo-o pelo "círculo virtuoso dos investimentos produtivos". Novas fábricas significam emprego e renda, nas regiões mais pobres, aumento de poder aquisitivo e ampliação de mercado interno, que vão, certamente, atrair outras fábricas de outros produtos. Assim como o artista deve ir aonde o povo está, a empresa vai aonde o mercado está.

Consultores internacionais prevêem que, em dez anos, o consumo nas economias desenvolvidas vai crescer cerca de 7%; em mercados emergentes, como o Brasil, 120%. Isso explica o fato de que 90% dos investimentos internacionais em nações em desenvolvimento estão se concentrando em apenas oito países.

O Brasil é um deles, o que nos dá a certeza de que, desta vez, conseguimos pegar o bonde da História.

Os eixos de desenvolvimento, porém, não se limitam à área industrial. A expansão da fronteira agrícola, um privilégio que o Brasil tem, capaz de absorver, a curto prazo, grandes contingentes de trabalhadores, também está contemplada na estratégia de desenvolvimento que vem sendo seguida pelo Governo. A aposta que estamos fazendo

nos corredores de transporte multimodais vai reverter o processo pelo qual o país interiorizava sua agricultura, praticamente sem providenciar, antes, a infra-estrutura.

Apenas dois desses corredores, já em fase de implantação — do Noroeste de Goiás ao Maranhão e do Norte de Mato Grosso ao Amazonas — tornarão viáveis e rentáveis para a atividade agrícola em torno

de 30 milhões de hectares de terra, área suficiente para gerar ocupação a cerca de dois milhões de trabalhadores. Os corredores integrados de transportes fazem parte do programa "Brasil em Ação", um grupo de 42 projetos que tem recebido atenção prioritária do Governo, em termos de alocação de recursos.

Na Região Sudeste, uma das prioridades é a modernização do Porto de Se-

petiba, condição indispensável para que o Rio de Janeiro se transforme em uma das ilhas estratégicas de desenvolvimento do país. São investimentos públicos de R\$ 351,4 milhões para dragagem da bacia e do canal de acesso, construção do píer e de infra-estrutura do ramal ferroviário. Com sua conclusão prevista para dezembro do ano que vem, o novo Porto de Sepetiba terá terminal de carga geral, destinado principalmente à movimentação de contêineres e produtos siderúrgicos, e um grande terminal de grãos.

Esses são apenas alguns exemplos que distinguem o Plano Real — e as possibilidades que ele abriu e estão sendo aproveitadas — dos demais planos fracassados de controle da inflação. Dos planos anteriores, baseados em congelamentos e calotes milagreiros, que duravam pouco, dizia-se que eram apenas "anestésias sem a cirurgia". O Real foi o único de todos os planos econômicos que reconheceu a inflação como o resultado de um profundo desequilíbrio no interior do corpo social da Nação. E que tratou de fazer a "cirurgia" que nunca havia sido feita.

De singular, o Plano Real tem o mérito de não subestimar jamais a profundidade das reformas necessárias, e a coragem de atacar os problemas fundamentais, que estavam na base da inflação e das desigualdades.

FERNANDO HENRIQUE CARDOSO é presidente da República.

A regra, agora,
é produzir
mais,
melhor e
barato